

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: ATUAÇÃO DOCENTE FRENTE ÀS DIFICULDADES DO CENÁRIO DE PANDEMIA

Marcelo Skowronski ¹

RESUMO

O início do ano letivo de 2020 demandou da escola e seus atores a mobilização de diferentes saberes para dialogar com a comunidade escolar. Ao componente curricular Educação Física (EF), se viu ainda mais acentuado o desafio de ensinar a cultura corporal de movimento em meio a uma pandemia. Buscando sua legitimidade historicamente em múltiplas vertentes, reinventou-se, porém, sua bagagem ainda retrata o estigma de uma disciplina essencialmente prática. O trabalho objetiva apresentar as dificuldades e relatar as adaptações metodológicas que repercutiram na aprendizagem da disciplina de EF no ensino fundamental e médio, no período entre julho de 2020 e julho de 2021. A análise parte do contexto do ensino remoto em uma escola da rede municipal e outra da rede federal de educação. Como fonte de análise do conteúdo, foram utilizados ‘diários de casa’ e questionários aplicados com os estudantes de nove turmas, sendo cinco do ensino médio e quatro do fundamental. Como principais resultados são apontadas adequações e estratégias metodológicas frente às interações não presenciais e os conteúdos que este contexto interpôs à relação docente/discente. Houveram perdas significativas de aprendizagem e também abandono de estudantes no período analisado. Ainda nesta direção, tendo em vista os percalços constantes provocados pelo cenário da pandemia, coube ao docente a missão de mobilização e reinvenção do seu fazer na perspectiva de reduzir os danos nas aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Física, Saberes docentes, Ensino remoto.

INTRODUÇÃO

Logo no primeiro trimestre de 2020 o Brasil e o mundo se depararam com a necessidade de mudar os estilos de vida para tentar reter o coronavírus. As escolas foram os primeiros “ajuntamentos de pessoas” a serem cancelados por tempo indeterminado, seguidos por academias e centro de treinamentos, comércio, apresentações artísticas, cinemas e afins. Tal intercorrência levou a inúmeros “cenários de interações virtuais” e, a EF escolar não ficou isenta. Assim como o comércio teve que apressar o aprimoramento do seu *e-commerce*, os artistas que logo trataram de fazer apresentações ao vivo, academias e centros de treinamento, bem como professores das escolas, se aperceberam diante da necessidade de interagir com os seus estudantes ou clientela de modo virtual.

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - MT, marcelo.skowronski@ifmt.edu.br;

Historicamente conhecida como um componente curricular cujas aulas são predominantemente práticas, a EF escolar, assim como outras disciplinas, se depara com o desafio de ser conduzida de maneira remota. O modelo de aulas não presenciais acaba direcionando os docentes para a necessidade de construir e mobilizar novos saberes (TARDIF, 2012) que viabilizassem a continuidade das aulas de maneira não tradicional.

A sala de aula e a quadra ficaram vazias e os professores se viram obrigados a encontrar alternativas para trabalhar as práticas corporais sem a presença física dos corpos. As adaptações e modos de entregar algum tipo de aula, síncrona ou assíncrona, foram desafios que se colocaram para os docentes. Chamou-nos a atenção que as aulas tomaram diferentes vieses, mas, em certa medida repetiram um fenômeno que já acontece no sistema presencial: a dificuldade em sistematizar os temas da cultura corporal de movimento.

Neste contexto, este trabalho é fruto da experiência de três professores de Educação Física que, mesmo inseridos em diferentes cidades e redes de ensino, compartilham percepções afinadas sobre a EF no ensino remoto. Entendendo a educação como dinâmica e, especialmente levando em consideração o cenário da pandemia, também estão sujeitos a mudanças, os saberes que precisam emergir para o exercício da docência *online*. O conceito de saberes aqui adotado está alinhado com Tardif (2012, p. 60), que aponta para um saber “que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber-ser”. Logo, entende-se o papel da EF escolar para além da prática de seus conteúdos.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

Para balizar a compreensão sobre como, enquanto docentes, lidamos com a complexidade dessa dimensão da tarefa pedagógica para a EF escolar, abordamos aqui, alguns elementos teóricos. Para Tardif e Lessard (2011, p. 208), é tarefa docente intermediar e concretizar o programa oficial de uma disciplina, dentro das limitações temporais, da escassez de recursos, das estruturas precárias e das questões subjetivas do ensino/aprendizagem. A tarefa docente é, portanto, aquela que se realiza dentro de uma complexa teia de atribuições, que exige do docente a interpretação do que trata determinada disciplina ao longo dos anos escolares, bem como traduzir em concretas escolhas de ensino e estratégias que transformam e modelam (TARDIF; LESSARD, 2011), no caso aqui específico, a EF no ambiente virtual em meio a uma pandemia.



É preciso considerar ainda, os contextos sociais, políticos, culturais e econômicos em que os docentes desenvolvem suas práticas. Nesse sentido, Wittizorecki e Molina Neto (2005, p. 65-66) argumentam sobre a necessidade de entender

a escola não como um marco de consenso, mas como um cenário social onde se apresentam interesses e contradições tão complexos e intensos como na própria sociedade, [...] o trabalho desses docentes está permeado pelo constante e inevitável repensar de seu sentido, de sua natureza e de suas incumbências, exigindo dos professores, desse modo, para além de competências técnicas e instrumentais, outras, como a reflexão sobre a própria prática, o desenvolvimento da tolerância frente às limitações pessoais e institucionais e a articulação com as demais parcelas da comunidade escolar.

Assim, dado um contexto tão adverso como este que determina o distanciamento social em uma disciplina cuja interação corporal é instância primeira, vale trazer aqui, reflexões que já se estendem na área desde a década de 1980. Em seus marcos teóricos conceituais, a EF é perpassada pelo Movimento Renovador, cuja crítica diz respeito ao esporte e ao “exercitar-se para”. No cenário brasileiro, a centralidade desses aspectos nas atuações docentes, voltadas a essa tradição, ainda é muito presente na EF escolar. Essa tradição é atravessada por elementos que reduzem o que se faz em nome da EF ao papel mais próximo de uma atividade pedagógica do que a de uma disciplina escolar, pois os aspectos centrais de suas aulas estão ancorados no espaço destinado à atividade/ocupação e não a um momento de aprendizagem (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

Tendo em vista seu enraizamento na tradição esportiva, no que se refere à tarefa docente em si, ao buscar um ensino pautado em uma crítica reflexiva relacionada ao "saber sobre", busca, por exemplo, certa hierarquização dos saberes, uma conexão com os aspectos socioculturais que perpassam essa prática corporal, bem como a explicação do porquê é ensinado (DESSBESELL, 2012).

Assim, realinhar a tarefa docente em um contexto adverso como a pandemia da COVID-19, requer pensar a EF a partir de outros aspectos para além daqueles puramente práticos. Além disso, um momento como este, revela que as tarefas e saberes docentes não são isolados e adversos ao contexto, pelo contrário, estão localizados em um determinado momento histórico, que é atravessado pela complexidade da prática curricular, pelas transformações de cunho político-social, bem como de seus aspectos pedagógicos. Esses elementos permitem fazer uma análise do que dizem os professores sobre suas práticas não no intuito de estabelecer critérios estáticos e rígidos sobre o que é ou não é um trabalho docente bem sucedido, mas no sentido de “que os professores sejam compreendidos e que eles



próprios se compreendam como protagonistas, ou seja, diante das circunstâncias do cotidiano escolar, eles constroem novos saberes” (BRACHT, 2010, p. 13) e novas metodologias.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um relato de experiência construído por três docentes de Educação Física: um do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), outra da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS (RMEPOA) e outra da Rede Municipal de Educação de Novo Hamburgo/RS. O período de análise compreende o quarto mês de aulas em regime remoto, ou seja, julho de 2020 e se estende até julho de 2021, ainda com aulas não presenciais. Fazem parte do contexto interpretativo turmas do ensino médio técnico e turmas do ensino fundamental.

No relato do Ensino Médio, para efeitos de análise e interpretação dos resultados, foram levados em consideração os ‘diários de casa’, onde estavam registradas as impressões sobre as aulas realizadas em tempo real, através das *lives* via *google Meet*. As aulas via *live* tinham duração de uma hora e eram realizadas quinzenalmente com cada turma. Complementarmente, através de questionários trimestrais feitos com o recurso do Moodle, objetivou-se colher a avaliação dos estudantes frente ao ensino e aprendizagem da EF de maneira remota.

No relato referente ao ensino fundamental foram levados em conta a construção das aulas e os conteúdos abordados em aulas assíncronas entre julho e dezembro de 2020. No contexto de Porto Alegre/RS, fora disponibilizada a plataforma CórTEX, na qual apostilas, vídeos e outros materiais de estudos poderiam ser adicionados, bem como as famílias poderiam interagir e devolver os trabalhos solicitados. Devido a baixa adesão à plataforma, no final de 2020, materiais impressos passaram a ser disponibilizados e, no ano de 2021, o App WhatsApp® passou a ser utilizado para busca ativa e envio de aulas assíncrona. Já na Rede Municipal de Novo Hamburgo, as aulas de Educação Física foram disponibilizadas através de formulários do Google que continham orientações por escrito, vídeos, imagens, questões interativas e espaço para os alunos fazerem upload de suas fotos e/ou vídeos realizando a proposta da aula. O link para acessar o Google Formulário era enviado em grupos de Whatsapp das turmas.

Todos os registros permitiram a criação de duas categorias de análise: metodologias para práticas corporais não presenciais e conteúdos na EF em tempos de pandemia. As duas categorias dialogam com os saberes da formação profissional e disciplinares (TARDIF, 2012),



sendo também permeados pelos saberes experienciais, fundamentais para o aprimoramento das ações e práticas de ensino no ambiente virtual de aprendizagem.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Sobre adequações e estratégias metodológicas para práticas corporais não presenciais.

A intervenção por intermédio de diferentes ambientes virtuais de aprendizagem exigiu inúmeras horas de planejamento e estudo, sendo um processo continuado e que sofreu mudanças constantes durante todo o período. Dentre as ferramentas utilizadas pelos docentes para a comunicação, avaliação e mediação dos conteúdos trabalhados, destacam-se: *Google meet*®, *Google classroom*®, Moodle, *WhatsApp*®, *e-mail*, *Plataforma Córtex*, questionários impressos e eletrônicos, vídeos do *YouTube*®, vídeos e apostilas produzidas pelos próprios docentes.

No caso do Ensino Médio, as aulas de EF passaram a contextualizar as práticas corporais, explorando especificamente aspectos conceituais, de modo a incluir todos os alunos da escola. Essa alternativa mostrou-se a mais inclusiva, pois alguns não possuíam acesso estável à internet e/ou dispunham de aparelhos eletrônicos para acessar as aulas, assim, optaram por retirar o material impresso na escola. Além das aulas *online* que poderiam ser revistas, a confecção de apostilas temáticas com conteúdos trabalhados em aula foi outro ponto positivo relatado pelos estudantes, os quais destacaram que a assimilação e o estudo dos temas se dariam de maneira mais efetiva com materiais impressos.

Eventualmente eram solicitadas gravações de vídeos com práticas corporais realizadas pelos estudantes em suas casas, no entanto, alguns fatores acabaram limitando a viabilidade do método, uma vez que a baixa memória dos celulares e até mesmo a dificuldade em postar vídeos muito ‘pesados’ foi empecilho reportado por parte dos estudantes nas três turmas.

No caso do Ensino Fundamental, mais especificamente os anos iniciais da RMEPOA, as principais metodologias foram a utilização de apostilas postadas em formato PDF e vídeos curtos, enviados inicialmente pelo Facebook e, posteriormente pela plataforma Córtex, disponibilizada pela secretaria da educação de Porto Alegre no final de Junho/2020. Os vídeos contemplavam pequenas apresentações sobre os temas abordados e a solicitação de tarefas que poderiam ser desde desenhos a escrita de frases e, se possível, o envio de vídeos realizando as tarefas.

Na Rede Municipal de Novo Hamburgo, as aulas dos anos iniciais aconteceram através de formulários do Google enviados via Whatsapp. O Google Formulário estava

estruturado com explicações, vídeos demonstrativos, questões interativas e possibilitava que os alunos enviassem fotos e vídeos realizando as aulas. Além disso, ao final do formulário os discentes deveriam identificar o nome e a turma e enviar o formulário para que a sua participação ficasse registrada em uma planilha que a professora fazia o controle.

Sobre os conteúdos na EF para em tempos de pandemia.

Nas turmas de Ensino Médio do IFMT, embora o tempo das aulas síncronas ministradas pelo docente fossem de apenas uma hora, quarenta minutos a menos em relação às aulas presenciais, constatou-se que o tempo das aulas práticas não permitia a mesma intensidade nas abordagens dos conteúdos como nas aulas *online*. Tal fato se justifica pela sequencialidade das ações que demandam um tempo maior para aulas práticas presenciais, tais como: contextualização do conteúdo, aquecimento, demonstração, repetição, correções, análise e fechamento. Logo, com um maior aproveitamento do tempo e possibilidade de se trabalhar com conteúdos publicados nas plataformas utilizadas, houve um significativo aumento dos conteúdos abordados.

Além das abordagens sobre esportes convencionais, distribuídas de maneira não repetitiva entre os três anos do ensino médio, foram desenvolvidos conteúdos com práticas corporais não convencionais e que ficavam em segundo plano durante as aulas presenciais, como: práticas corporais de aventura em terra, ar e água, ginástica rítmica, ginástica de trampolim, xadrez *online*, jogos eletrônicos, jogos tradicionais e populares, primeiros socorros, saúde mental e percepção corporal em tempos de isolamento social, expressão corporal e mundo do trabalho, sistema de saúde, esportes paralímpicos, dentre outros.

Em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental, os temas abordados foram desde jogos e brincadeiras (tradicionais e populares), passando pela ginástica de acrobacias, esportes de marca e precisão, bem como temas transversais como saúde, higiene, alimentação, entre outros. Chama a atenção neste processo com os anos iniciais, o envolvimento familiar para que os e as estudantes dessem conta de realizar o processo de aprendizagem requerido nos materiais enviados, uma vez que não havia docente presente, fisicamente ou remotamente, para auxiliar. Porém, ao abordar, por exemplo, jogos e brincadeiras tradicionais, solicitando que fizessem uma pequena entrevista com algum adulto, houve um satisfatório retorno e envolvimento desses adultos nos vídeos enviados, algo que, na conjuntura normal anterior a pandemia, dificilmente aconteceria.

Sobres as perdas no aprendizado e o abandono discente

Ainda que a escola federal não medisse esforços para atender de diferentes maneiras os estudantes durante o período da pandemia, seja com auxílio internet ou o empréstimo de computadores, alguns percalços foram constantes nas turmas analisadas. O fato de fornecer condições estruturais para que o estudante participasse das aulas não garantia seu efetivo envolvimento com a disciplina de EF e também em outros componentes curriculares. A situação foi ainda mais crítica nas escolas municipais, onde a falta de retorno das atividades por parte dos estudantes acabou tornando-se rotina especialmente com o passar dos meses sem aulas presenciais.

Em ambos os cenários analisados foi possível identificar o abandono discente por diferentes motivos. Entende-se por abandono a desistência do estudante de participar e/ou entregar as atividades propostas para a disciplina. Ainda que os estudantes mantivessem contato com seus colegas e professores, alegaram diferentes motivos para desistir do ano letivo. Dentre os principais estão: falta de motivação, dificuldade de aprendizagem, dificuldade em organizar o tempo de estudo, falta de recursos tecnológicos, início de vínculo empregatício, opção própria em repetir o ano para buscar um aprendizado maior.

Pensar no ensino remoto implicar visualizar cuidadosamente os múltiplos determinantes que constituem um ambiente saudável para o aprendizado. Trata-se de um rompimento abrupto com o que se constituiu historicamente como local de aprender: a escola, a sala de aula, a quadra. Querer que o estudante se adapte, organize seu tempo de estudo, seja independente no processo de acompanhar e assimilar os diversos conteúdos e/ou tenha maturidade suficiente para isso, não é tarefa fácil. Estamos falando dos mesmos estudantes que eventualmente apresentavam dificuldades em sala de aula e agora estão submetidos às suas “casas de aula”, dividindo o computador, o celular com os irmãos, estudando no mesmo ambiente em que transitam outros familiares, convivendo com problemas de saúde e desemprego, situações intensificadas durante a emergência do novo Coronavírus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que identificada por sua característica procedimental, a EF, no recorte de estudo observado, não se limitou à prática esportiva. A supremacia de conteúdos conceituais em detrimento do saber-praticar ficou evidente em todas as instituições.

Em relação aos anos iniciais temos, por exemplo, alguns relatos de famílias que não tinham conhecimento que a EF trabalhava conteúdos nos anos iniciais de modo sistematizado, inclusive pontuando o caráter geracional de temas como jogos e brincadeiras. Tradicionalmente a EF para as crianças na fase dos anos iniciais é um momento de brincar, ou



de desenvolvimento de demandas motoras, sem intencionalidade pedagógica a partir de um "saber sobre" (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012), no momento em que tiveram que auxiliar as crianças no processo, perceberam, em parte, a riqueza de conteúdos e as possibilidades de aprendizagem para além de tarefas puramente motoras.

Não é possível quantificar as perdas de aprendizagem em virtude da ausência de aulas presenciais e do contato corpo-a-corpo entre estudantes e professores. Contudo, a passagem pelo ensino remoto viabilizou a construção e o aprimoramento de elementos importantes para se pensar em atualizações metodológicas no ensino da EF. Concebe-se entender o componente curricular enquanto “prática educativa intencional” (LIBÂNEO, 1998), de forma que, mesmo na adversidade e na ausência da possibilidade de uma aula prática, os conteúdos sejam interpretados e reconhecidos como parte da cultura corporal de movimento que reside nos distintos territórios. Transitoriamente, diante dos percalços impostos pela pandemia dentro de todo o sistema de ensino, foi incumbência dos docentes mobilizar e reinventar o fazer pedagógico na busca de um aprendizado distante, mas que acabou aproximando emocionalmente docentes e discentes.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. A Educação Física no Ensino Fundamental. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, nov. de 2010, p. 1-14. Acesso em 27.09.2012.
- DESSBESELL, G. **Referencial Curricular de Educação Física do Rio Grande do Sul – 2009**: os sentidos atribuídos pelos professores da região da 36ª coordenadoria de educação. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física da Unijuí. Ijuí: UNIJUI, 2012. 95 p.
- GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.
- _____.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**. Florianópolis, v.2, p. 10-21, mar. 2010.
- _____. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF Escolar I. In: **Cadernos de Formação RBCE**. Florianópolis, v. 1, p. 9-24, set. 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. Perspectivas de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 1, n. 1, 1998.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- WITTIZORECKI, E. S; NETO MOLINA, V. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Rev. Movimento**, v. 11,n. 1, jan/abr. 2005, p. 47-70. Disponível em



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2861/1475>. Acesso em Mar. 2021.

ISSN: 2359-2915

